

# José Aurélio, o Monumento ao Trabalho de 1993 ou a obra como alegoria da história da cidade de Almada

*José Aurélio's Monumento ao Trabalho (Monument to Labour), 1993, or the work as allegory of Almada's history*

SÉRGIO VICENTE PEREIRA DA SILVA\*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro 2017.

\*Portugal, escultor e professor.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL). Largo da Academia Nacional de Belas Artes, 1249-058 Lisboa. E-mail: s.vicente@belasartes.ulisboa.pt

**Resumo:** Uma abordagem crítica a uma obra emblemática no percurso artístico do Escultor José Aurélio (1938-) – o Monumento ao Trabalho de 1993, a sua primeira grande obra monumental encomendada para a cidade de Almada, na área metropolitana de Lisboa, Portugal. A partir da análise desta escultura, procuramos demonstrar que a leitura da arte pública está condicionada por um conjunto de fatores externos às linguagens, nomeadamente a realidade socio-territorial que a conforma.

**Palavras chave:** José Aurélio / Arte Pública / Cidade de Almada.

**Abstract:** *The aim of the present article is to address critically an emblematic work in the artistic path of the sculptor José Aurélio (1938-) – Monumento ao Trabalho (Monument to Labour), 1993, his first monumental piece commissioned by the city of Almada, within Lisbon area, Portugal. The analysis of the sculpture will allow us to demonstrate that the reading of public art is subject to several external factors that go beyond language, namely the social and territorial realities that embody it.*

**Keywords:** José Aurélio / Public Art / the City of Almada.

## Introdução

O escultor José Aurélio está indelevelmente ligado à escultura e à cidade de Almada, onde as suas realizações são assumidas como um património de relevo incontestável no conjunto das obras encomendadas pela autarquia ao longo dos últimos 40 anos. Se o Poder Local Democrático é indissociável da existência da arte pública em Almada, a Arte Pública é indissociável da presença de José Aurélio no concelho.

Não podemos analisar a encomenda do Monumento ao Trabalho, sem a enquadrar nas dinâmicas locais de construção de espaço público a partir do final da década de 80 do século passado.

Situamo-nos num momento histórico que em termos políticos foi considerado a década do 'desenvolvimento integrado' do concelho (Ribeiro & Geraldês, 2004: 16), o que justificou em termos estratégicos a implantação de obras de Arte na cidade já consolidada que difundissem valores simbólicos, os grandes ideais que tornam materializáveis as grandes causas da Humanidade. Esta responsabilidade foi entregue ao Centro de Arte Contemporânea (CAC), que reuniu nesses anos o saber técnico e artístico de Rogério Ribeiro (1930-2008) operacionado com as opções urbanísticas e políticas vindas da presidência da edilidade. Uma visão comum do desenvolvimento urbano e principalmente do papel da arte na democratização do uso da cidade.

Estas foram as bases para a grande encomenda do Monumento ao Trabalho, a alegoria monumentalista das 'causas democráticas' para uma área da cidade de Almada, o Pragal, que se encontrava, à época, num complexo processo de revisão do seu plano urbanístico herdado do Estado Novo.

### 1. Da génese territorial... à afirmação de um programa monumental

A parcela da cidade de Almada já consolidada nos anos 80 correspondia às antigas freguesias de Almada, Cacilhas e Cova de Piedade, todas elas beneficiárias da longa e privilegiada relação económica com o estuário do Tejo. Por sua vez, a freguesia do Pragal, embora correspondendo a uma área que coincidia com a principal linha de expansão oeste da cidade, pela sua natureza geográfica e cadastral, só foi sujeita a forte pressão urbanística depois da conclusão, em 66, da ligação rodoviária por ponte entre as margens do rio Tejo (Cavaco, 2009: 360).

Depois de 1974, houve a necessidade de rever o modelo de urbanização do Pragal, introduzindo-se novos modelos de projeto ao nível da qualificação do espaço urbano. Esta política urbana foi acompanhada por uma visão cultural que, com a chegada de Rogério Ribeiro a Almada, acrescentou uma dimensão ideológica à programação da arte. Rogério Ribeiro foi um homem de forte atividade

política, mas preponderantemente um criador e impulsionador da cultura artística, com uma visão humanista da política em estreita vinculação a um pensamento mais vasto onde a necessidade de descentralização e democratização cultural correspondeu um projeto de país. Num momento em que “os municípios começaram a desenvolver por sua iniciativa uma meritória ação cultural, tendo contado na sua organização com a experiência de organismos como a SNBA, a AICA, a SEC e as Escolas Superiores de Belas Artes” (Gonçalves & da Silva Dias, 1985: 66), Rogério Ribeiro defendia que subjaz à ‘atividade pública’ do artista um papel interventivo a diferentes patamares na comunidade, assente na convicção de que a “arte é sempre um índice da cultura de um povo” (Rosendo, 2008).

O seu contributo espelhou-se, com certeza, na escolha inicial e criteriosa de artistas, recusando a vinculação por afinidades de linguagem, mas antes, pela partilha das mesmas experiências da realidade, sabendo-se que a arte pública nunca poderia ser analisada pelos resultados materiais alcançados ou, como acrescentou Javier Maderuelo (1990: 164), “não é um estilo e desenvolve-se independentemente das formas, dos materiais e das escalas”.

Deste modo, o Município, por intermédio da estrutura orgânica municipal do CAC, o que em termos administrativos correspondia à entrega da gestão e encomenda da arte pública à mesma estrutura que gere os equipamentos museológicos municipais, foi assumindo, numa perspetiva política integradora, uma ação de promoção de artistas e obras no contexto da cidade modernizada.

Esta constatação, num primeiro momento, encontra eco numa habilidosa estratégia de aquisição de obras de arte para zonas residenciais da cidade, baseada no conhecimento e reconhecimento da obra produzida por artistas que realizaram trabalhos em instituições ou exposições no concelho. Foram deste período as primeiras aquisições municipais de simples esculturas de José Aurélio, ‘Capricho’ (Figura 1) localizada na Avenida Bento Gonçalves, desde 1992. Ou obras que estiveram em exposição na Galeria Municipal em 1989, das quais se destacam, ‘Emissor Receptor’ (Figura 2) na rua Ramiro Ferrão e ‘Rei e Rainha’ (Figura 3), colocada junto à galeria municipal.

## **2. Monumento ao Trabalho, uma obra presa à memória histórica**

No plano de atividades da autarquia para o ano de 1989 inscrevera-se como objetivo, ao nível da requalificação dos espaços públicos, a concretização de um Monumento ao Trabalho (CMA, 1989: 113-114). A chamada em 91 do monumento para o Pragal foi a vontade de, aproveitando as condições privilegiadas do processo de urbanização daquela área, marcar simbolicamente o território que a autarquia estava a requalificar.



**Figura 1** · José Aurélio, *Capricho*, 1992.

Fonte: Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada.

**Figura 2** · José Aurélio, *Emissor-Receptor I*, 1992.

Fonte: Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada.

**Figura 3** · José Aurélio, *Rei e Rainha*, 1992.

Fonte: Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada.

A encomenda foi feita a José Aurélio, figura do meio artístico próximo de Rogério Ribeiro e que recolhia consenso junto da presidente de Câmara, destacava-se pela larga experiência na escultura evocativa e comemorativa.

O escultor começou por propor que o espaço de confluência entre a Avenida Bento Gonçalves e a Praceta Felizardo Artur fosse o lugar de uma ‘grande alegoria ao trabalho’, enquadrada no Gabinete de Espaços Exteriores (*Autarquias Povo*, 1991: 7-8), que desenvolvia os projetos e acompanhava a execução das obras para os espaços de uso público envolventes das edificações no Pragal.

Alegoria que, mais do que recuperar o emprego de regras ancoradas no pensamento moderno, propunha recuperar verdadeiramente o seu carácter público e desvinculado do sentido iconográfico e comemorativo que desde o Estado Novo marcava as obras em Almada. A raiz da obra de José Aurélio, que acabou por influenciar um conjunto relevante de futuras obras na cidade, foi buscar a sua especificidade à recuperação da ideia de monumentalidade associada aos valores rememorativos do monumento, à capacidade de mobilização afetiva da memória com propósitos singulares. Ou como já avançara Bohigas (1986: 103), “(...) esta qualidade de permanência o faz [monumento] aglutinador e representante de certos aspetos da identidade coletiva, do grupo social que o envolve.”

Para ilustrar estas ideias, importa transcrever algumas palavras da primeira memória de projeto desta ‘grande alegoria ao trabalho’ defendida pelo escultor:

*(...) assim, para satisfazer o 1º aspecto e com vista a criar um espaço lúdico de grande significado simbólico, propõe-se a construção de uma plataforma ao nível mais elevado, no eixo da qual se desenvolve uma linha de água, que ‘nascendo’ nessa plataforma, vem caindo em cascatas até ao plano inferior, acionando uma escultura em aço inox, alegórica à génese do trabalho.*

*Os muros de suporte da plataforma, serão tratados com um mosaico cerâmico, onde as atividades humanas relacionadas com o trabalho estarão representadas.*

*Esta solução resolve também, o 2º aspecto, uma vez que o volume criado pela plataforma e definido pelo painel cerâmico, funcionará como elemento neutralizador da importância das construções envolventes (CMA, 1989).*

Esta primeira sugestão de obra acabou por não vingar ao reconhecer-se na proposta um nível de complexidade conceptual e técnica que acabou inicialmente por não ter continuidade ao nível de projeto no gabinete técnico do Pragal. No entanto, estas ideias constituem-se como uma nova abordagem do papel do escultor — como agente ativo no desenho do espaço público. Pressupôs aquilo que Javier Maderuelo (1994) apontaria como a crítica aos pressupostos que fundamentam a visão tradicional do monumento, quando a obra envereda



**Figura 4** · José Aurélio, *Monumento ao Trabalho*, 1993.  
Fonte: Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada.

por propostas de utilidade e funcionalidade urbanas, cruzando disciplinas adjacentes mais próximas da arquitetura ou design.

A maquete daquela que veio a ser a última e definitiva proposta para a alegoria do Trabalho, foi apresentada na Oficina da Cultura (*Jornal de Almada*, 1993) pelo escultor a um conjunto de personalidades convidadas para o efeito (*Autarquias Povo*, 1993): “A escultura representa a garra (O Poder) e a mão (o Trabalho), entrelaçadas, simbolizando assim o esforço conjunto do Poder Local e da População na construção deste concelho”.

O planeamento da sua construção ficou então enquadrada no trabalho do Gabinete dos Espaços Verdes (CMA, 1991a). O que significou uma visão aberta e integradora sobre as diferentes funções do fazer cidade.

Os custos da obra foram suportados pelos urbanizadores da área, não se sabendo ao certo por qual deles, já que o modelo de negociação entre a autarquia e os privados pressupunha o financiamento de diversas obras de requalificação pública, nas quais as obras de arte se englobavam (CMA, 1991b).

Chegados a 1993, em relatório da gestão urbanística do Município, apontava-se a conclusão da implantação do monumento junto à Av. Bento Gonçalves, e a inauguração do agora Monumento ao Trabalho (Figura 4), ocorreu no dia 2 de maio desse ano, no âmbito das comemorações do 25 abril, enquadrada com a festa dos 20 anos de Almada Cidade. A revista *Autarquias Povo* (1993b) destacava que, “(...) indissociáveis, pois, estas duas datas, tão perto no tempo. Almada-cidade assumiu-se como tal no dia 25 de Abril de 1974, mais do que no dia 21 de junho do ano anterior [elevação de Almada a cidade].”

Não estava referido no artigo que a Câmara, pouco antes do dia 25 de Abril, já encomendara a Joaquim Correia um outro monumento ao Trabalho não concretizado em virtude da Revolução de 74, e que esta encomenda procurava à sua maneira selar sobre o território uma memória desse passado industrial glorificado pelo Estado Novo.

O monumento de José Aurélio tornou-se a síntese formal do passado industrial ligado à reparação e construção naval de Almada num momento de crise profunda que o setor atravessava naquele final de século.

As mãos monumentais entrelaçadas (Figura 4 e 5) e montadas em ferro evocam as mãos do trabalho em luta, simbolismo enriquecido pela linguagem empregue na sua construção: as chapas de *corten* próprias da indústria naval, estão unidas por rebites e parafusos colocados linearmente sobre as uniões entre as partes que a constituem; também a escala destes elementos de união usados na indústria pesada, remete-nos para a memória do tempo da sua construção e da resistência dos seus protagonistas.





**Figura 5** · José Aurélio, *Monumento ao Trabalho*, 1993.  
Fonte: Museu da Cidade/Câmara Municipal de Almada.

**Figura 6** · José Aurélio, *Monumento ao Trabalho*, 1993.  
Fonte: Anabela Luís/Câmara Municipal de Almada.



A inauguração deste monumento seria de facto uma ‘alegoria ao trabalho’ do pós-74, um momento à estabilização política do Poder Local, e quando a autarquia se ia a pouco e pouco tornando a grande impulsionadora do emprego no concelho, quando a indústria naval estava em declínio.

### **Conclusão**

O Monumento ao Trabalho foi um dos últimos monumentos presos aos valores da memória histórica transversal ao concelho, ou por outras palavras, o fecho do ciclo monumental das obras lançadas pelo regime fascista em Almada. Trouxe consigo uma nova linguagem para a escultura em Almada, assente em novos pressupostos ideológicos tendentes à universalização das temáticas. Também podemos associar a obra de Aurélio ao movimento de ressurgimento da monumentalidade, que o exemplo do projecto ‘Ruta da Amistad’ para os Jogos Olímpicos de 68, na cidade do México já experimentara.

A partir dos anos 90 deixamos de ter em Almada monumentos relacionados com acontecimentos marcantes de luta, de resistência ao regime fascista, com as suas datas ou personalidades marcantes, e passamos, pelo contrário, a ter obras em torno da exaltação da experiência democrática. Ou seja, um pensamento político para a arte pública tendente à harmonização entre a nova realidade urbana e a experiência pública do dia a dia da cidade.

Este monumento materializou-se com base no confronto entre duas visões da importância do projeto de arte na cidade: por um lado, a visão de quem sustenta politicamente o monumento, ou seja, o executivo municipal; por outro, a visão técnica da estrutura que é mandatária na sua implementação, o CAC. Realidades que acabam por ser uma síntese entre a responsabilidade política e o domínio estético da cidade, modelo que nos leva a crer que o espaço público em Almada, a partir da concretização do Monumento ao Trabalho, não foi nem o palco de forte e impositiva politização pelo governo municipal de esquerda, nem de exacerbação estética avulsa num qualquer contexto de musealização de arte na cidade. Assim, no fim dos anos oitenta e ao longo da década seguinte, as novas encomendas para monumentos tomaram um caminho no sentido do estreitamento da relação entre a infraestruturação básica do território e a qualificação sociocultural da cidade, iniciando deste modo aquilo que seria a reelaboração do sistema de significação da identidade social urbana do concelho.

## Referências

- "Almada, 20 Anos de Cidade" (1993b) *Autarquias Povo*. (94), 3.
- Bohigas, Oriol (1986) *Reconstrucción de Barcelona*. Madrid: Servicio de Publicaciones, Secretaría General Técnica, Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo.
- Câmara Municipal de Almada (1989) Reunião de Órgãos Autárquicos. (Atas). (Livro 169, Ata 26, fl. 113–114).
- Câmara Municipal de Almada (1991a) Relatório Atividades Conta de Gerência de 1990.
- Câmara Municipal de Almada (1991b). Plano de Atividades e Orçamento para 1992.
- Cavaco, Cristina (2009) *Formas de Habitat Suburbano. Tipologias e Modelos Residenciais Na Área Metropolitana de Lisboa*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa.
- Gonçalves, Rui Mário, & Francisco da Silva Dias (1985) *10 anos de artes plásticas e arquitectura em Portugal, 1974–1984*. Lisboa: Caminho.
- Maderuelo, Javier (1990) *El Espacio Raptado: Interferencias Entre Arquitectura y Escultura*. Madrid: Mondadori España.
- Maderuelo, Javier (1994) *La perdida del pedestal*. Madrid: Antonio Machado.
- "Limpar e Alindar" (1991) *Autarquias Povo*. (85), 7-8.
- "No Próximo Domingo: Inauguração do Monumento ao Trabalho" (1993) *Jornal de Almada*
- "O espírito de abril presente nas comemorações" (1993a). *Autarquias Povo*. (94), 12.
- Ribeiro, Ana Isabel, & João Gerales (2004) "Almada de Abril, Terra de Esperança, Espaço de Confiança". In: *Dar Asas ao Sonho do 25 de Abril*. Pp. 11–21. Almada: Câmara Municipal de Almada.
- Rosendo, Catarina (2008) "Rogério Ribeiro (1930-2008): O Pintor Que Abriu Ao Texto". *Magazine Arte — ArteCapital*. [Consult. 2015-09-17] Disponível em URL: [www.artecapital.net/opiniao-62-catarina-rosendo-rogerio-ribeiro-1930-2008-o-pintor-que-abriu-ao-texto](http://www.artecapital.net/opiniao-62-catarina-rosendo-rogerio-ribeiro-1930-2008-o-pintor-que-abriu-ao-texto).